

Fejer.



museu de arte moderna do rio de janeiro

seis pesquisadores de arte visual
8 de dezembro a 15 de janeiro

alberto aliberti
heinz kühn
hermelindo fiaminghi
kazmer fejer
lothar charoux
sylvia mara gueller

Uma arte sem precisa definição terminológica embora qualificada variavelmente pelo jargão crítico e jornalístico como «OP», visual, cinética, retinal etc., é objeto desta exposição do Museu de Arte Contemporânea. Bem entendido, não se trata da visualização tradicional do olho diante de fatores externos estimulantes mas de uma visualidade como percepção autônoma de fenômenos de forma e cor em função de movimentos óticos vibratórios.

Os artistas que seguem esta orientação proliferaram a partir do fim da década de 50 e normalmente possuem raízes construtivas. Na Europa, onde surgiram numerosos grupos, o principal instigador foi sem dúvida Vasarely. A contribuição dos Estados Unidos onde um egresso de Bauhaus, Albers, foi importante emulador, tornou-se decisiva com a revelação de valores que afirmaram uma imagística interpretativa de sua cultura pragmática. No Brasil, e particularmente em S. Paulo, há pesquisadores que vêm trabalhando com serenidade alcançando resultados de uma afirmação constante. Nessa idéia era apresentar um número mais largo de participantes o que não pôde realizar-se por diversas razões independentes de nossa vontade.

Foram finalmente selecionadas obras de seis artistas (Fejer Charoux, Fiaminghi, Kühn, Aliberti e Sylvia Mara Gueller) que projetaram e executaram suas obras especialmente para esta manifestação. Três deles, Fejer, Charoux e Fiaminghi foram membros ativos do movimento concretista brasileiro e expõem frequentemente na Galeria «Novas Tendências». Kühn desenvolvera sua experiência anterior como pintor abstracionista. Aliberti e Sylvia são os mais jovens: aquele é muito ligado aos primeiros e esta última emerge de uma experiência recente e isolada.

Fejer tornou-se um dos nossos representantes de mais profunda autenticidade nesse meio expressivo. A seu prejuízo, entretanto, numa época em que o fator numérico influi consideravelmente na chamada promoção do artista, a obra que produziu é das mais raras. Os quatro objetos em poliéster sobre acrílico aqui reunidos são definições de estruturas móveis em processo de desintegração formadas de pequenos cubos articulados em superposição precária, qua-

si como um jogo de paciência. A valorização tridimensional é procurada pela interpenetração de planos em ângulos diversos ou melhor, pela ruptura de um deles sob o impacto de outro. O controle do dismantelamento é sensível. A luz ao esbater-se na matéria colorida transparente provoca cintilações dinamizando ainda mais o objeto de imaginar-se na escala monumental.

Charoux é um artista previsível. Sua evolução não sofre dos sobressaltos. Da estabilidade resultante formou-se uma linguagem linear de sensibilidade pessoal, despojada e exigente, rigorosamente artesanal num momento de crescente recorrência a meios mecanizados. Sua investigação pode ser aproximada à de vários artistas no estrangeiro — Stella, Yvaral, Goodyear, Mieczkowski etc. — mas o vienense paulista é indiferente a recursos técnicos e expressivos mais complexos. Do desenho exclusivamente deve despontar sua argumentação, como podemos ver nestes quadros de séries de linhas luminosas de variável densidade e intervaladas na superfície sombria de sorte a provocar movimentos discretos de refração de luz e fazer da obscuridade um elemento fortemente participativo.

Fiaminghi aparece com as soluções mais desenvolvidas no sentido de aliar meios tecnológicos à expressão. A seu propósito é que talvez mais precisamente possamos falar de pesquisas cinéticas, como o demonstra parte dos trabalhos exibidos a que intitula «fusão e difusão da cor por incidência de luz». Alguns mais recentes demandam a participação do espectador para desenvolver suas concomitâncias cromáticas. A vivência do artista com os problemas da gráfica moderna enriquecida de equipamentos eletrônicos influenciou bastante seus processos experimentais na busca de interação das cores fornecidas pelos efeitos controlados da superposição de filmes reticulados, gravados em litografias e impressos pelo processo «offset-tief». As contrações e expansões de luz produzem os efeitos combinatórios mais inesperados, de uma beleza emotiva intermitente.

Heinz Kühn sem dúvida soube evoluir rapidamente nas suas experiências com o styropor, material frágil e maleável que o ajudou a encontrar meios de caracterizar uma linguagem

no domínio ainda de amplas possibilidades do relevo. As superfícies escavadas, a articulação de planos simétricos ou irregulares abertos por um temperamento expressionista proporcionam espaços de mais diversa transparência, animados pela efusão da luz nos campos de cor primária que o artista estende com desenvoltura sobre a brancura do material poroso. Particularmente em trabalhos deste gênero transcendemos limites os da pintura e da escultura e vemos a intuição aliar-se a uma matéria e a uma técnica novas para fornecer outros recursos expressivos à sensibilidade visual.

Aliberti e Sylvia Mara Gueller são os mais jovens das exposições: o primeiro em objetos de construções rígidas demonstrava há certo tempo um claro interesse pelo dinamismo signífico. Entre suas peças atuais de elementos pré-fabricados, a telha de cimento de amianto é um material que se presta à prospecção de ritmos planificados. De outros seus trabalhos em andamento podemos esperar resultados de nível na solução de «continuidade estruturais». Sylvia apareceu na «II Exposição do Jovem Desenho Nacional» organizado pelo Museu de Arte Contemporânea em 1965 com bom índice de maturidade no seu grafismo de sugestibilidade vibratória. O preparo teórico e psicológico da artista assegurou-lhe uma progressão decidida nos meios de dominar o desenho e o espaço. Os resultados recentes demonstram decisão nos seus objetivos de eirmitia ao desencadear com franqueza ótica temas dedalicos onde o movimento se distribui às formas, cores, desenho e composição.

O interesse destas articulações visuais não nos parece fruto de aderências circunstanciais a formulações momentâneas e sim empreendimentos intuicionais capazes de assegurar uma expressão vital ao longe de razões programáticas estritas.

Walter Zanini

**Diretor do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de S. Paulo**

alberto aliberti

Alberto Aliberti nasceu em S. Paulo em 1935, onde reside. (1960) e Kazmer Fejer (1962) tornando-se depois autodidata. Pertence à «Association Internationale des Arts Etudou técnica de pintura e escultura com Joel M. Lin^h Plastiques» (UNESCO) e à ACASC, «Associação Cultural e Artística de S. Caetano do Sul». É membro co-fundador e presidente-executivo da Associação de Artes Visuais «Novas Tendências», desde 1963.

Exposições:

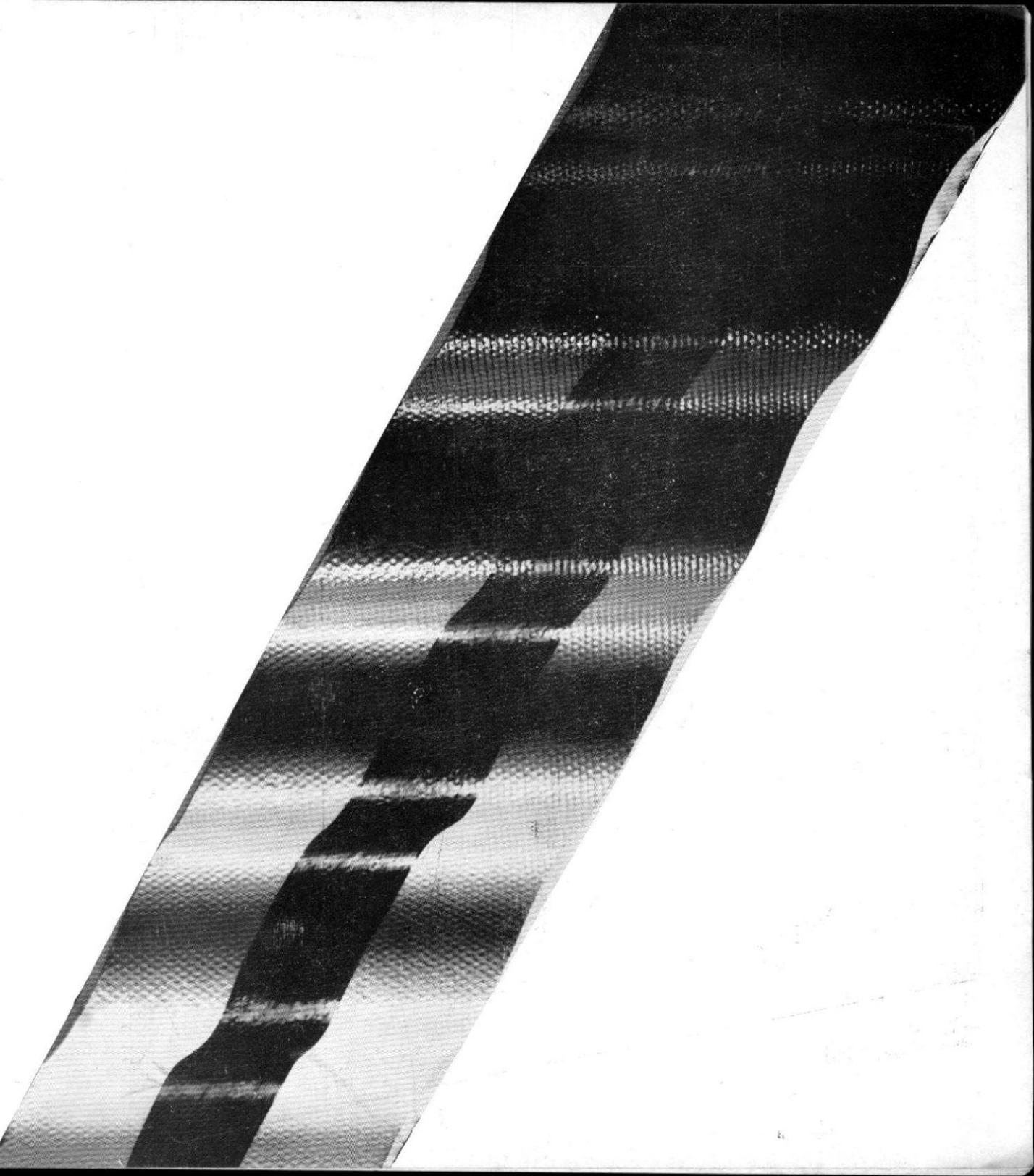
12.º e 13.º Salões Paulistas de Arte Moderan, 2ª Exposição de Arte Contemporânea de S. Caetano do Sul (1963), 1.º e 2.º Salões de Arte Moderna de S. Caetano do Sul (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1963) e da exposição coletiva III da mesma galeria (1964).

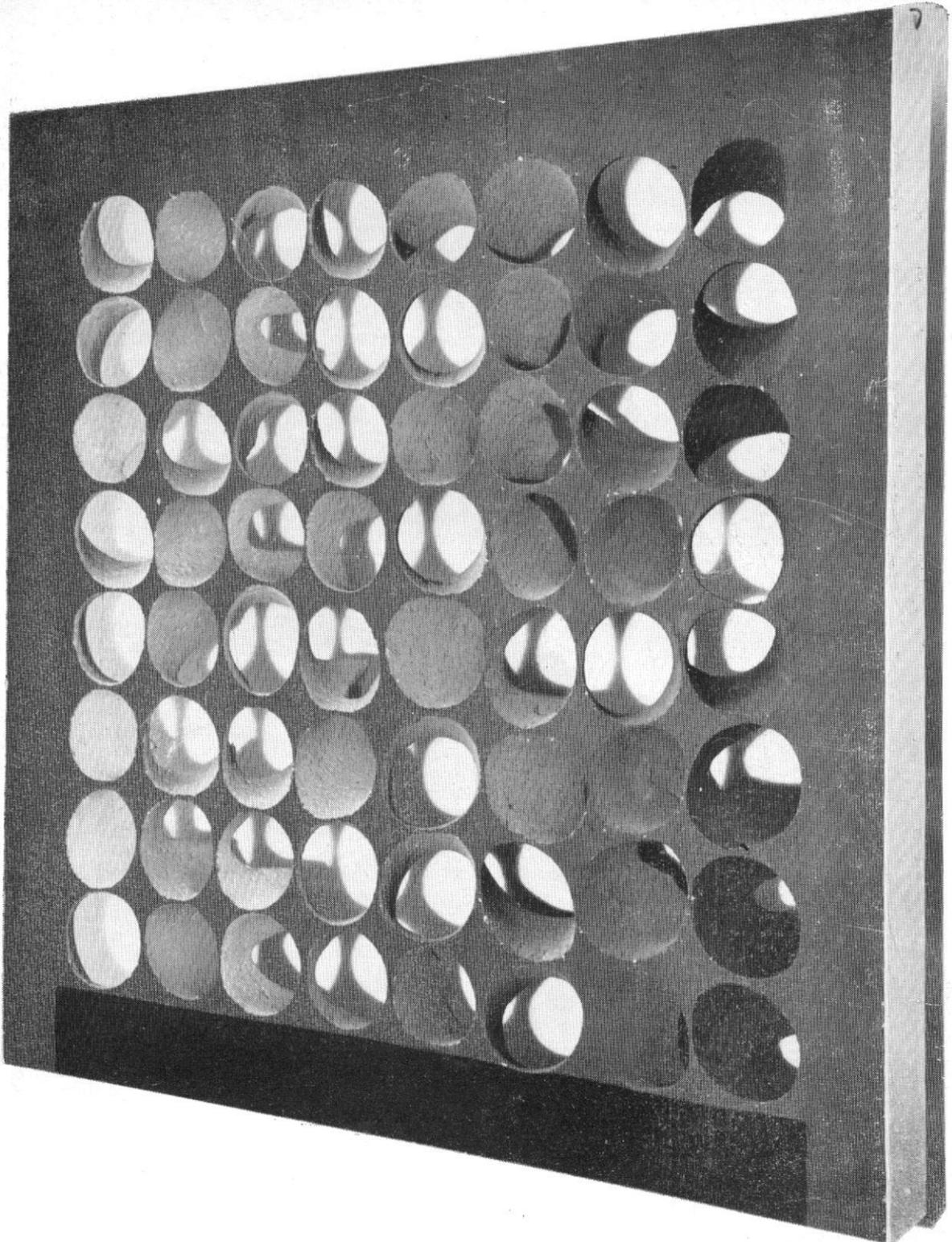
Prêmio:

Medalha de bronze na 12ª Salão Paulista de Arte Moderna.
Obras em coleções particulares.

Relação das Obras:

- 1-1966 — Óleo s/cimento amianto — 45x96
- 2-1966 — Óleo e fita Plástica s/cimento amianto — 93x37
- 3-1966 — Óleo s/cimento amianto — 93x30
- 4-1966 — Óleo s/cimento amianto — 70x40 fun. 40
- 5-1966 — Óleo s/cimento amianto — 143x93
- 6-1966 — Óleo s/cimento amianto
aço inox. — alumínio — 93x65
- 7-1966 — aço inox. — latão e madeira — 100x45





heinz kühn

Os meus trabalhos de hoje são o resultado do meu caminho na criação ótica.

A composição não é mais no quadro, ao contrário, fora, no observador: é portanto necessário achar-se uma construção, que seja suficiente para esta suposição.

O quadro (o objeto) é sempre estático, enquanto o observador logicamente sempre tem um ponto de vista diferente. Num quadro com um plano só muda o ponto de sua observação e não há a alteração das côres e das formas e por isto é necessário que se parta de mais planos. Resulta portanto um quadro (objeto) com vários planos.

Uma superfície sinuosa já é um resultado de vários planos. Por exemplos a côr amarela nessa superfície sinuosa mostra uma escala completa do claro ao escuro. A forma também muda.

Numa superfície rompida por uma forma não se mostra sômente esta forma mas sim as suas transformações possíveis. Adicionando-se com luz e sombra, cuja incidência varia com a espessura do plano e com a direção do corte. Pela maneira de se usar a côr, no lado do observador ou no lado contrário, obtém-se um reflexo de côr num certo ângulo do corte, pela incidência da luz, e a êle.

Por conseguinte, côr, forma, espessura do plano no lado do quadro (objeto) mais a luz e a posição do observador resulta não apenas uma impressão, porém, várias. Estes são trabalhos com realidades por isso eu os chamo de construções ou ciências visuais.

Heinz Kühn nasceu em Berlim em 1908, onde estudou. Fixou-se no Brasil em 1950, residindo em S. Paulo.

Exposições individuais:

Biblioteca Municipal de S. Paulo, Museu de Arte Moderna de S. Paulo, Galeria de Arte das «Folhas», Casa do Artista Plástico, Galeria Solarium, Galeria «Novas Tendências», Galeria Aremar (Campinas), I.A.B. Departamento de S. Paulo, OCA (Rio de Janeiro), em 1965.

heinz kühn

Exposições coletivas:

Galeria Novas Tendências, IAB (Departamento de S. Paulo), 2ª, 3ª e 8ªs Bienais de S. Paulo, Salão Paulista de Arte Moderna, organizou e participou das 1ª e 2ª exposições de arte contemporânea da Prefeitura de Teresópolis, Exposição «Pró Arte em Rio Bonito» (Santo Amaro). 18.º Salão Municipal de Belo Horizonte.

Prêmios

Prêmios no 2º, 9º, 10º e 14º Salões paulistas de arte moderna, onde obteve a grande medalha de prata, o prêmio-aquisição «Governador do Estado» e a pequena medalha de ouro. Prêmio de viagem a Brasília no 1º Concurso Nacional de Jóias.

Obras em coleções particulares.

Relação das Obras:

1-2-3-4-5 — Problema do Reflexo
Tinta Plástica s/Styropor — 100x100

6-7-8-9-10 — Problema do Reflexo
Tinta Plástica s/Styropor — 60x60

hermelindo fiaminghi

Ser moderno ou antigo, não é minha preocupação.

Ser nôvo também.

Como pertencer ao meu tempo; — Sim.

É um drama que evolui, propõe-se, dramatiza-se.

A percepção das coisas, e as coisas com percepção, envolvem-me: — desenvolvem-me.

Estar atualizado não é o principal, não é importante quando comunicar-se é o sensível.

As artes gráficas ofereceram-se e influenciaram-me quando pesquisava efeitos de retícula, cor-luz, artesanalmente (6ª Bienal 1961)

O controle dos equipamentos e materiais gráficos não só permitiram bem como conduziram-me ao controle sensível dos acasos ali produzidos, — era o fenômeno da percepção livre mutável e com uma frequência de comunicação intermitente.

A transparência das cores, a fusão e difusão da retícula pela incidência de luz, são para mim coisas com percepção ótica, sensíveis, — comunicam-se.

A obra assim realizada evolui em si e pertence a si mesma, sua comunicação visual, — é ótica assim como o é as mutações intermitentes da luz do sol que incide sobre os corpos da paisagem.

Hermelindo Fiaminghi nasceu em S. Paulo em 1920. Estudou desenho, artes gráficas e arquitetura no Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo (1946-40), pintura e história da arte com Waldemar da Costa (1942-52). Integrou-se ao grupo concreto de São Paulo (1955), participou como membro do conselho diretor do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (Galeria das «Folhas», 1958-9). Foi membro da Comissão Organizadora do 7º Salão Paulista de Arte Moderna (1958), membro da Associação Internacional de Artes Plásticas e co-fundador da Associação de Artes Visuais Novas Tendências (1963).

hermelindo flaminghi

Exposições:

3ª, 4ª, 5ª e 6ª Bienais de S. Paulo; 4º, 6º, 7º e 9º Salões Paulista de Arte Moderna; 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de S. Paulo (1957), 2ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro), Exposição de arte moderna do Brasil em Buenos Aires, Rosário, Santiago e Lima (1958); Exposição de Arte Moderna do Brasil na Alemanha, Portugal, crete kunst», no Helmhaus de Zurich, Exposição coletiva do França, Itália, Bélgica, Holanda e Japão, Exposição «Kin-Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, nas Fôlhas» (1961), Exposição individual na Galeria Aremar (Campinas), Exposição no Clube dos Artistas (1963), Exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1963).

Coletiva 3 da Galeria «Novas Tendências» (1963). Exposição individual na galeria «Novas Tendências» 1965. Prêmio: Grande medalha de prata no 4º Salão Paulista de Arte Moderna.

Obras em coleções particulares.

Relação das Obras:

- 1 — Reticula côr-luz — 40x50
- 2 — Reticula côr-luz — 60x50
- 3 — Reticula côr-luz — 40x50
- 4 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100x70
- 5 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100x70
- 6 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100x70
- 7 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70x70
- 8 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70x70
- 9 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70x70
- 10 — Reticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70x70

kazmer fejer

Após muitos anos de super-organização onde não foi admitido nem o elemento surpresa; após, a procura da harmonia e do belo através da compreensão, acho que chegou a hora de afrouxar o rigor. Não vou voltar ao expressionismo de onde vim e não vou entrar no informalismo. Não procuro nem «dada» e não acredito em nenhum dos novos realismos. Não proclamo o fim do concretismo e não o chamo de histórico.

O que fiz durante 15 anos não é histórico, mas faz parte de mim.

Não posso ser «fan» incondicional dos BEATLES (apesar de gostar) por ter visto no passado várias artes tão válidas como as de hoje.

O homem maduro não pode participar das explosões juvenis por mais valiosas que sejam, sem se tornar ridículo. Pobre dos eternos jovens.

Devemos compreender a nossa época, os nossos jovens com todos os seus valores, mas sem imitá-los.

Trazemos já uma bagagem válida, acumulada em anos de vida e vamos enriquecê-la mais, com as experiências de hoje. Não uso cabelão, nem barbicha. Parto para uma nova experiência, não renegando o que fui. Estou com espírito aberto.

Kazmer Fejer, nasceu em Pecs. (Hungria) em 1922. Fixou-se no Brasil em 1949, residindo em S. Paulo. cursou a Academia de Belas Artes de Budapest Exposição 5 jovens artistas em Budapest (1945). Organiza o Art. Club de Budapest. Secretário da Galeria dos artistas abstratos de Budapest. Participa de várias exposições de arte abstrata. Participa do Salão «Realités Nouvelles» em Paris (1946).

Exposição no Art Club de Viena (1947).

Exposição no Art Club de Turim, exposição «arte bela» em Montevideo (1948). Exposição no Art Club de S. Paulo (1949). 1ª Bienal de São Paulo (1951). Exposição do grupo «Ruptura» no M.A.M. S. Paulo (1952).

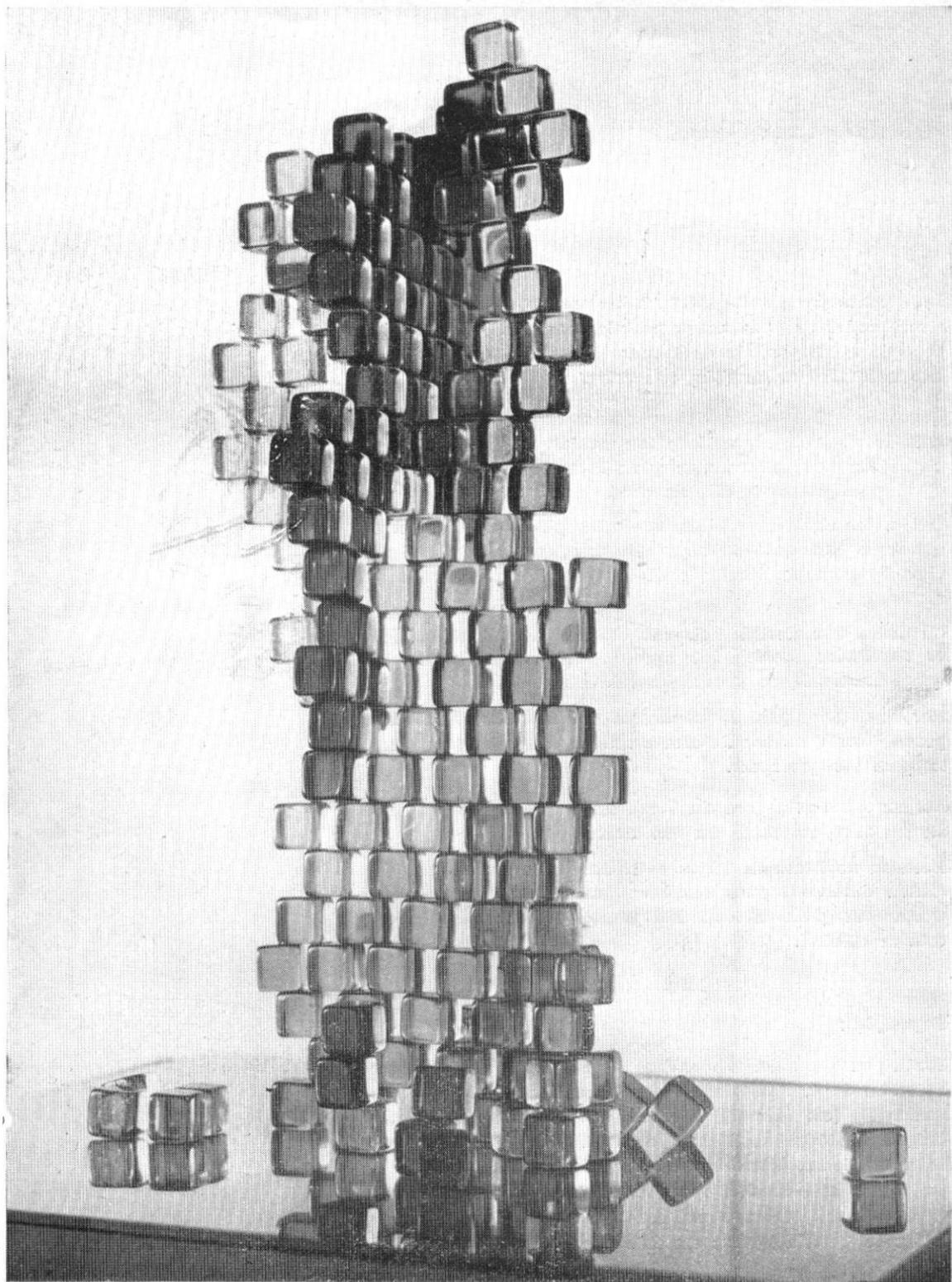
kazmer fejer

Exposição Nacional de Arte Concreta em S. Paulo e Rio (1957). Exposição na Galeria de arte «Fólias» em S. Paulo (1959). Exposição arte moderna do Brasil, nas principais cidades da Europa, exposição arte concreta em Zurich, Exposição arte concreta M.A.M. Rio (1960). Exposição inaugural na Galeria Novas Tendências (1963).

Obras em coleções particulares.

Relação das Obras:

- 1 — Impacto, 1966 — Acrílico, Polyester — 42x39,4 fun. 43.
- 2 — Impacto, 1966 — Acrílico, Polyester — 42x39,4 fun. 43.
- 3 — Impacto, 1966 — Acrílico, Polyester — 42x39,4 fun. 43.
- 4 — Impacto, 1966 — Acrílico, Polyester — 42x39,4 fun. 43.



lothar charoux

Importante é, cada indivíduo, conseguir na medida do possível, contribuir com a sua parcela, nas múltiplas atividades que se apresentam ao homem durante a sua vida — e isto naturalmente também nas artes.

Pouco importa a nomenclatura que se der, porque isso afinal não passa de necessidade (ou mania) de catalogar, para classificar e organizar, mas que não aumenta nem diminui o valor propriamente dito da obra.

Daí, a tendência de muitos, nas artes plásticas, em apenas indicar o processo, ou seja «pintura», «escultura», «desenho» e assim por diante, o que, pensando bem, também é dispensável.

Os meios e materiais hoje são tão amplos e variados que os resultados obtidos são apresentados como «objeto», o que é suficiente, se já não fôr demasiado.

Por isso tudo, procuro conseguir, na medida das minhas possibilidades, contribuir com a minha parte nas artes, não importa sob que nome.

Lothar Charoux nasceu em Viena em 1912. Fixou-se no Brasil em 1928, residindo em São Paulo.

Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo onde lecionou durante alguns semestres. Conheceu Waldemar da Costa com quem estudou. Foi professor de desenho da escola do SENAI.

Exposições:

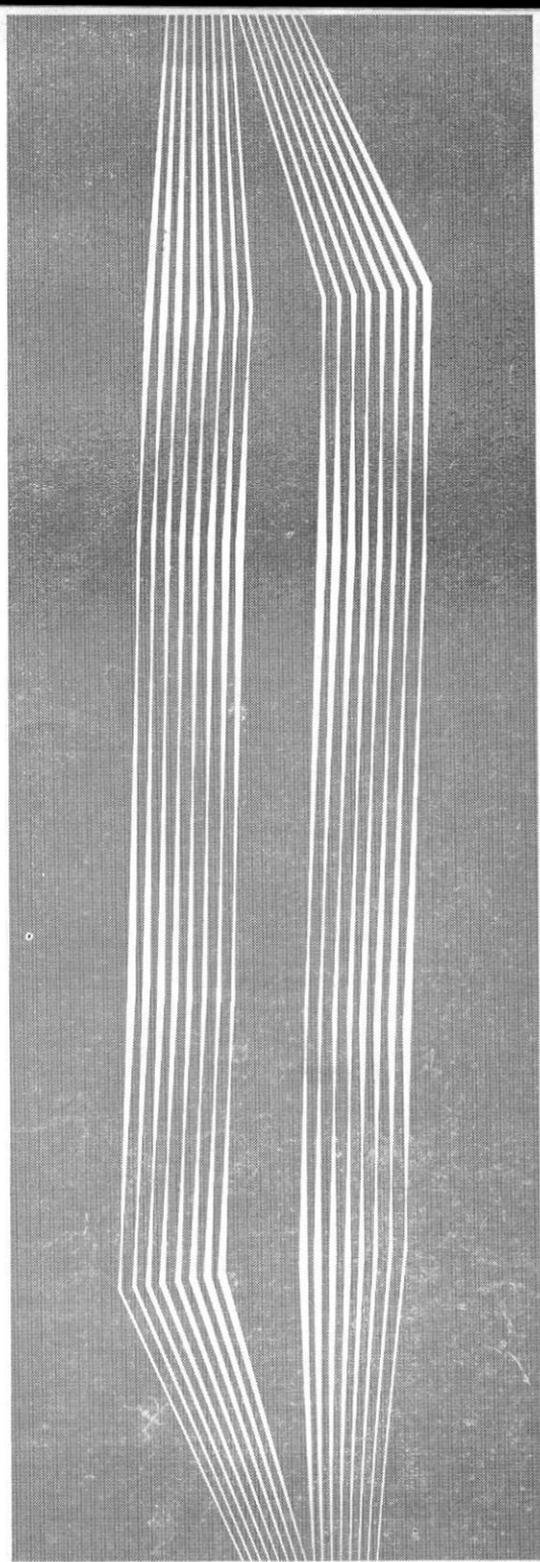
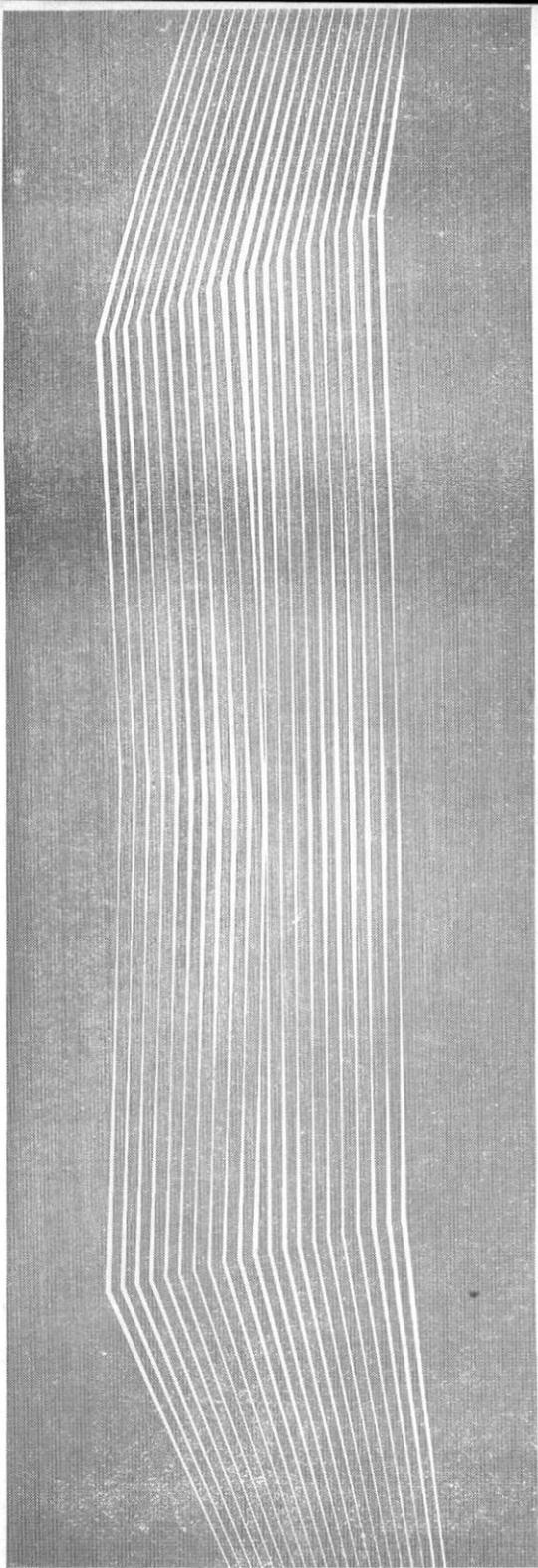
Participou de todos os salões do Sindicato dos Artistas Plásticos de S. Paulo, Salão de Belas Artes do Rio (Seção moderna), (em várias oportunidades a partir de 1942). Participou de tôdas as Bienais de S. Paulo (1951-65), e de todos os Salões Paulistas de Arte Moderna (1952-65). Exposição de arte brasileira em Valparaíso e Santiago (1946), Exposição «19 pintores» em S. Paulo (1947), Exposição coletiva na Galeria Domus em S. Paulo, em benefício do jor-

lothar charoux

nal «Artes» (1948), Exposição «Seis novísimos de S. Paulo» no I.A.B. (Departamento do Rio de Janeiro) 1948), 1º, 2º e 3º salões Bahianos de Belas Artes em Salvador (1949-51), Exposição Individual no «Anjo Azul», de Salvador (1950), Exposição do grupo «Ruptura», em S. Paulo (1955), 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, S. Paulo (1956), 2ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro) (1957) Exposição Individual — Petite Galerie no Rio de Janeiro (1957) Exposição Coletiva Brasileira no Uruguai, Argentina, Chile e Perú organizada pelo MAM do Rio e Itamaraty (1957) Exposição individual de desenhos em Lisboa — Portugal (1957) Fourth International Art Exhibition — Tokio; (1957) Exposição Individual na Galeria das «Fólias» de São Paulo (junto a Lygia Clark e Franz Weissmann) (1958) Exposição individual no Ginástico Português no Rio de Janeiro (1958) Exposição de Arte Contemporânea no MAM de S. Paulo (1958) Exposição coletiva na Galeria das «Fólias» em S. Paulo (1959) e Exposição coletiva brasileira em Assunção — Paraguai, organizada pelo MAM em S. Paulo (Exposição coletiva brasileira na Alemanha, França, Holanda, Austria, Espanha, Portugal organizada pelo MAM do Rio e o Itamaraty (1962) Exposição individual na Galeria AREMAR de Campinas (1962) Exposição itinerante organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo em Campinas, Marília, Araquara e Ribeirão Preto; (1963) Exposição coletiva na NT — Associação de Artes Visuais novas Tendências, da qual é um dos fundadores (1963) Leilão de obras em benefício da Campanha da Criança Defeituosa e Leilão de obras em benefício do Hospital Alberto Einstein (1964) 1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas

(1965).

Prêmios: 1º Prêmio e Medalha de Ouro, do 1º Salão Bahiano de Belas Artes (1949), 1º Prêmio de Desenho no MAM de S. Paulo (1958) Grande Medalha de Prata do Salão Paulista de Arte Moderna (1964), 1º Prêmio de Desenho no 1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas. — Obras em coleções particulares.



lothar charoux

Relação das Obras:

- 1 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 2 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 3 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 4 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 5 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 6 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35
- 7 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 35x100
- 8 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 35x100
- 9 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100x35

sylvia mara gueller

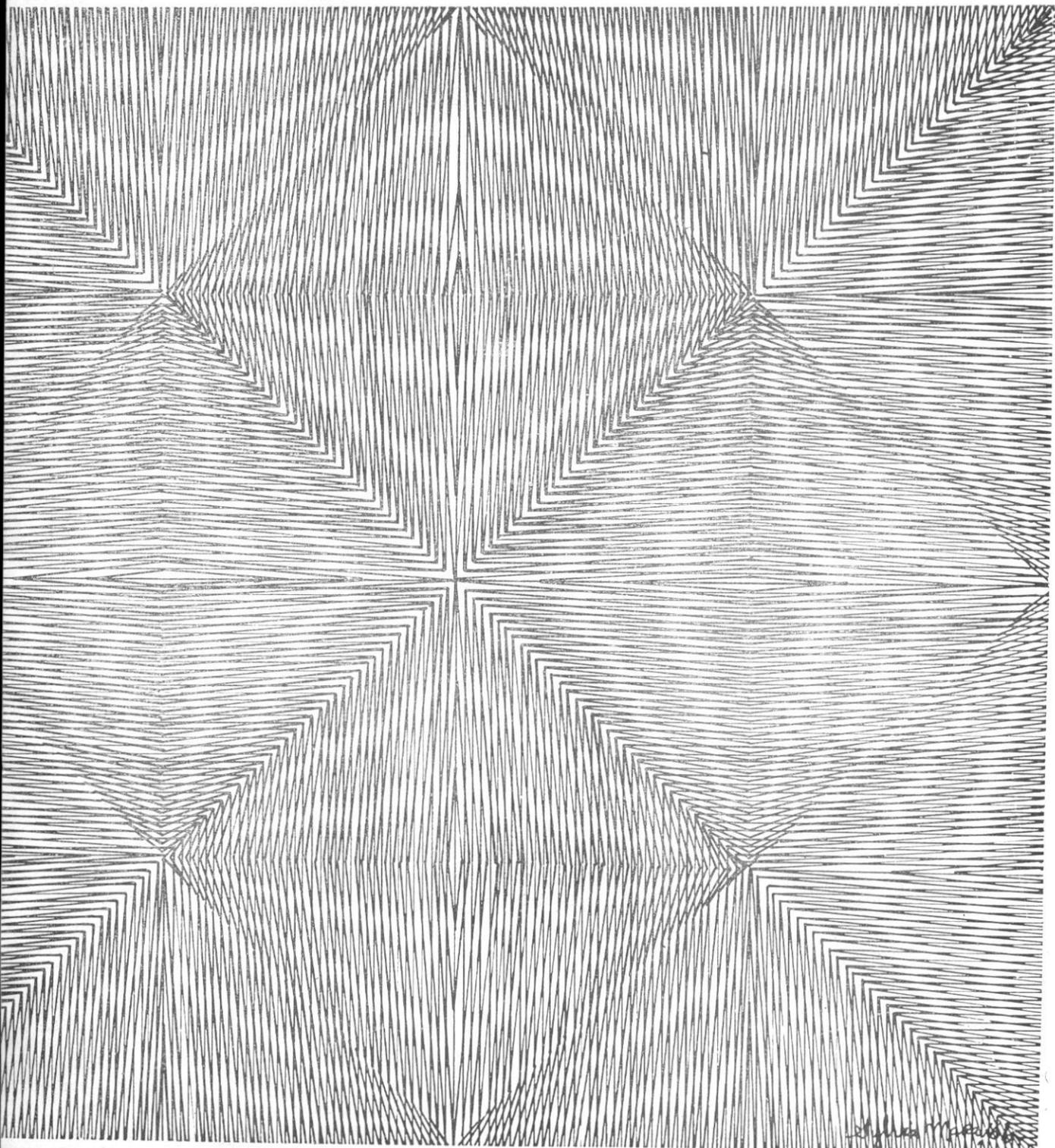
Arte é essencialmente comunicar. Comunicar sensação estética. No meu caso, comunicação visual desligada de alusões literárias. Encaro, portanto os meus desenhos e «assemblages» como formas sempre em evolução que exprimem uma verdade absoluta: inapto visual.

O motivo de minha fase atual, fundamentalmente ótica, sempre me acompanhou desde os primeiros trabalhos de classe, quando minha criação era dirigida a exercícios mecânicos de cópias. Minha preocupação jamais residiu na figura, porém na distribuição dos elementos do suporte e mais ainda, no preenchimento dos vazios engendrados pelas figuras. De início êsses elementos — sempre geométricos — se relacionavam aos motivos figurativos: assoalhos, paredes, telhados, calçamentos de ruas, etc., que se repetiam rodeando elementos composicionais: móveis, pessoas, objetos. Pouco a pouco as próprias figuras foram sendo engolidas pelo ambiente, assim, madeiras, alvenarias, papéis de parede penetraram na figura, formando um todo indivisível.

Daí para o abstracionismo puro foi apenas um passo. As formas óticas espiraladas, concêntricas, paralelas e transversais se manifestaram livres das formas acanhadas da figura. Primeiramente à mão livre, agora com instrumentos de precisão. Economia de cores e materiais têm sido para mim uma norma. Tento extrair o máximo de efeitos com o mínimo de elementos. Minha fase atual é de depuração. O futuro surge como um vasto campo de experiências. Novos materiais, novos efeitos e principalmente, estudos e reflexão.

Minha obra é aberta. Há sempre mais de uma escôlha para o espectador que assim se incorpora ao trabalho criador.

Sylvia Mara Gueller nasceu em S. Paulo em 1942. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com Luigi Zanotto na Fundação «Armando Alvares Penteador».



sylvia mara gueller

Exposições:

1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1965),
2.ª Exposição do Jovem Desenho Nacional do Museu de
Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo (1965);
8º Salão de Belas Artes de S. Bernardo do Campo (1965),
20º Salão Municipal de Belo Horizonte (1965).

Prêmios:

Menção Honrosa no 1º Salão de Arte Contemporânea de
Campinas, Prêmio-aquisição para desenho no 20.º Salão Mu-
nicipal de Belo Horizonte.

Possui obras em coleções de S. Paulo, Guanabara e
Minas Gerais.

Relação da Obras:

Desenha nº 1, Fev. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52x52,2

Desenho nº 3, Fev. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52x52,2

Desenho nº 4, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão 51,8x51,7

Desenho nº 6, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52,2x52

Desenho nº 8, Mar. 1966 — Ninquim e Guache
s/cartão — 50,1x50

Desenho nº 9, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 51,8x52,2

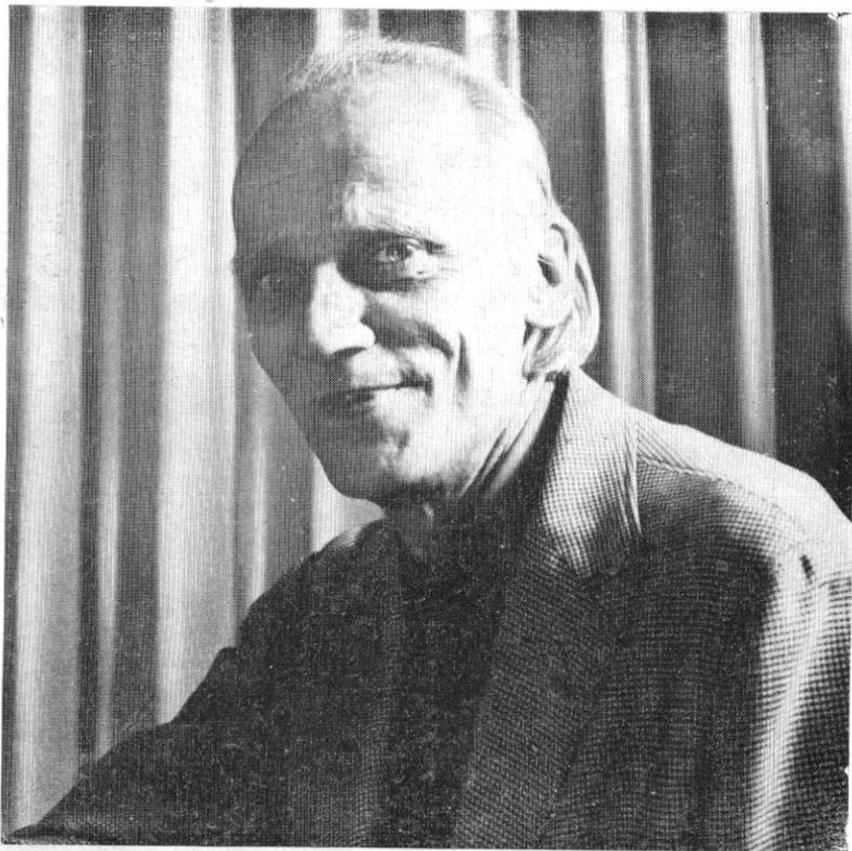
sylvia mara gueller



alberto aliberti



heinz kühn



hermelindo flaminghi



kazmer fejer



lothar charoux

